

INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO SERVIÇO REGIONAL DE ARQUEOLOGIA DA ZONA SUL NO BAIXO ALENTEJO

por

Susana Correia*
José Carlos Oliveira**

NOTA PRÉVIA

Esta comunicação, apresentada em Castro Verde, em Abril de 1988, no II Encontro de Arqueologia do Baixo Alentejo, tinha, como objectivo prioritário, fazer o historial da acção do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul na região desde Setembro de 1986, data em que no quadro daquele Serviço tomaram posse os seus dois primeiros técnicos superiores. Por acordo entre o Museu Regional de Beja e o então director do S.R.A.Z.S., Caetano de Mello Beirão, foi na ocasião decidido que um daqueles técnicos ficasse sediado em Beja, nas instalações do Museu Regional, com vista a prestar um apoio mais efectivo à região baixo-alentejana, sempre numa política de ligação e colaboração estreita com as autarquias, sem cujo contributo muitas intervenções não teriam sido passíveis de realização, dada a escassez de meios do S.R.A.Z.S. para actuar numa zona que, na totalidade, abrange cerca de 2/3 do território nacional.

O Museu Regional de Beja, por seu lado, e em troca do apoio do S.R.A.Z.S. à sua actividade, pôs à disposição do Serviço a sua infra-estrutura humana e material, permitindo, assim, uma colaboração cujos resultados se vêm, a pouco e pouco, a afirmar. Não se irá, porém, aqui fazer o historial desta colaboração, que se estende do campo editorial às intervenções no terreno, passando por toda

* Técnica do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul.

** Todos os estudos de Antropologia Física aqui incluídos são da responsabilidade de José C. Oliveira, especialista de Arqueologia Funerária, tendo as abordagens culturais daí resultantes sido feitas com a sua estreita colaboração.

uma série de actividades tão diversas como a elaboração de processos de classificação, montagem de exposições, organização de núcleos museológicos, etc. Optou-se, sim, pela apresentação dos resultados das intervenções arqueológicas pontuais realizadas desde aquela data.

SILO DA RUA DAS PORTAS DE MOURA, 34 — BEJA

Em finais de Fevereiro de 1987, foram o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul e o Museu Regional de Beja contactados pelos proprietários de uma casa situada na Rua das Portas de Moura, em Beja, comunicando o aparecimento, durante obras de recuperação no interior do edifício, de um silo colmatado com terra.

Após exame do local, foi decidido proceder-se a uma intervenção de emergência, que permitisse aos proprietários do imóvel a continuação das obras no mais curto prazo. A escavação iniciou-se, assim, em 01/03/1987, tendo-se prolongado por quatro dias úteis.

O silo encontrava-se preenchido até 64 cm do seu bocal. Não apresentou qualquer estratigrafia significativa, devendo ter sido esvaziado e novamente entulhado diversas vezes e em épocas distintas, como prova o aparecimento de material romano relativamente à superfície (- 1,70 m do bocal) e espólio diverso (incluindo cal de reboco e materiais de construção), atribuível aos séculos XIX e XX, a uma maior profundidade (- 3,00 m). Um pequeno testemunho deixado junto a uma das paredes do silo foi seguidamente desmontado, por se verificar a inutilidade do registo estratigráfico. O silo está escavado na rocha, relativamente branda, que constitui o subsolo de Beja (o denominado *maciço de Beja*, em que predominam rochas da família dos gabros e rochas básicas e ultra-básicas do tipo piroxenitos, hornblenditos e peridotitos, sofreu alterações da sua mineralogia que provocaram o actual carácter brando de rochas que, em condição normal, são de grande dureza), tem de profundidade 2,67 m, um diâmetro interior máximo de 2,02 m e um bocal afeiçoado com argamassa e tijolo com um diâmetro de 61 cm.

O espólio proveniente desta escavação encontra-se depositado e foi inventariado no Museu Regional de Beja, sendo composto pelos seguintes materiais:

Fragmentos de escória de ferro; fragmentos de bronze, indeterminados; fragmento, ilegível, de moeda em bronze; 71 fragmentos de cerâmica vidrada, recente (séculos XVIII ou XIX); 18 fragmentos de faiança (século XIX); uma tampa de recipiente, em cerâmica não vidrada; 3 fragmentos cerâmicos, não vidrados; 1 fragmento (bordo), com engobe vermelho interior; 21 fragmentos de uma mesma peça de cerâmica negra, brunida, com decoração impressa; cerâmica

romana (2 fragmentos de *terra sigillata* e um fundo de ânfora); cerâmica islâmica (1 asa, com decoração pintada a vermelho).

A sua análise global é, apenas, mais uma comprovação de que o último enchimento deste silo se terá verificado em época já bastante recente (séculos XIX ou XX), não apresentando o conjunto nenhum pormenor particularmente significativo.

SEPULTURA DA BASE AÉREA No. 11 — BEJA

Em Fevereiro de 1987, foi o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul alertado pela Associação de Defesa do Património da Região de Beja para o aparecimento, por ocasião de escavações para o plantio de árvores na área de residências da Base nº 11, de Beja, de diversas ossadas, algumas das quais foram prontamente enviadas ao Museu Regional de Beja, tendo sido identificados os vestígios como humanos e pertencendo a um indivíduo adulto. O Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul, conjuntamente com aquele Museu Regional, contactou o Comando da Base Aérea, solicitando autorização para examinar o local, o que prontamente foi concedido.

Os ossos provinham de uma sepultura parcialmente violada durante os trabalhos mencionados, que haviam, aliás, sido de imediato suspensos. O Comando da B. A. 11 prontificou-se, então, a autorizar a realização no local de uma pequena intervenção de emergência para recuperação dos vestígios arqueológicos detectados. As condições atmosféricas não permitiram, porém, a imediata realização dos trabalhos, que decorreram, assim, nos dias 5, 6 e 9 de Março.

Não é esta a primeira referência a achados arqueológicos na zona actualmente ocupada pela B. A. 11. A área que ela abrange é, porém, tão vasta, que não é de supôr tratarem-se de vestígios correlacionáveis, mesmo quando uma possível proximidade cronológica o poderia sugerir¹. Trata-se, igualmente, de sepulturas, e sepulturas foram também as identificadas aí, pertencendo à Idade do Bronze². Esta zona encontra-se integrada naquilo que é comumente designado por *barros de Beja*, uma das áreas mais ricas e férteis de todo o Alentejo, não sendo, por isso, de admirar que tenha sofrido uma intensa ocupação desde as mais recuadas épocas, nem que as populações que aí habitassem tivessem sepultado não muito longe de si os seus mortos.

¹ BARROS, Francisco J. R. de, *Notícia sobre uma necrópole visigótica*, «Arquivo de Beja», XXV-XXVI-XXVII, Beja, 1968-70, p. 105.

² PARREIRA, Rui, *Base aérea de Beja*, «Informação Arqueológica», 2 - 1979, Lisboa, 1982, p. 7.

Na área onde se realizou esta intervenção existem outras sepulturas (conforme foi confirmado pelos próprios trabalhadores da Base que aí procediam ao plantio de árvores já referido), mas nenhuma outra fora posta a descoberto, embora alguns ossos humanos tivessem sido encontrados nas imediações. Dado o carácter específico da intervenção, não se considerou pertinente alargar a área de escavação para determinar a real extensão da necrópole. Ficou, apenas, o aviso para que eventuais ocorrências deste tipo fossem comunicadas ao S.R.A.Z.S. ou ao Museu Regional de Beja.

Vestígios detectados:

A uma camada superficial de terra humosa, castanha, com uma espessura média de 15 cm, segue-se um nível esbranquiçado de constituição calcária, denominado correntemente por *caliço*, no qual foi escavada a sepultura, cujo bordo superior se encontrava a 12 cm de profundidade do início da camada.

Sepultura: Caixa rectangular, sem fundo, totalmente construída em pedra, com uma altura média de 30 cm. A parte superior apresentava uma cercadura de tijolos, *tegulae* e pedras, com alguma argamassa, sendo o todo coberto por lajes de pedra (excepto, naturalmente, no local em que se processara a violação). No seu interior encontrou-se um esqueleto humano e 3 fragmentos de cerâmica comum, atípicos, não medindo o maior mais que 3 cm de diâmetro. A terra que cobria o corpo era extremamente argilosa e compactada, devido a regas efectuadas no local e ao mau tempo que se fizera sentir antes da intervenção, dificultando em extremo a escavação.

Esqueleto: O espólio ósseo recolhido encontrava-se em péssimo estado de conservação: muito friável, devido às condições climatéricas já referidas e às regas, desfazia-se ao mínimo toque, o que tornou praticamente impossível qualquer medição *in situ*, com excepção do comprimento do fémur esquerdo. Parte do esqueleto já havia sido igualmente destruída pelos seus descobridores com a abertura da vala para o plantio.

Os dados que a seguir se apresentam resultam da observação durante a escavação e do posterior estudo laboratorial:

Material exumado: frontal fragmentado, temporal direito fragmentado, parietal direito fragmentado, occipital fragmentado, fragmento de parietal esquerdo, 4 dentes soltos (I², C, P², M¹), 1 fragmento da clavícula direita, 6 vértebras torácicas fragmentadas, 3 vértebras lombares fragmentadas, úmeros fragmentados, fragmentos dos cúbitos e dos rádios, fémur esquerdo fragmentado, fragmento do fémur direito, fragmentos das tíbias e dos peróneos, fragmento do calcâneo esquerdo.

Sexo: considerando a protuberância occipital externa muito acentuada, o desenvolvimento do processo mastóideo e o aspecto das inserções musculares, conclui-se que o indivíduo em análise pertencerá, muito provavelmente, ao sexo masculino.

Idade: considerando o estado geral do esqueleto e o elevado padrão de desgaste dentário (todos os dentes com abrasão total da coroa e exposição da polpa), tratar-se-á de um indivíduo adulto, morto com forte probabilidade em idade superior aos 40 anos.

Estatura: (fórmula de Trotter e Glessler): fémur esquerdo – 43 cm. Altura – 1,65 m (+ ou – 5 cm).

Patologia: não se detectou nenhum vestígio patognómico.

Conclusões:

O material esquelético desta sepultura pertence a um indivíduo adulto, de sexo masculino, com mais de 40 anos, medindo cerca de 1,65 m.

Dado o escasso volume de informação fornecido por este enterramento, não é logicamente possível um adiantar de conclusões sobre o mesmo que nos esclareça sobre aspectos da ocupação do local em épocas recuadas. As características da construção da caixa sepulcral apontam, porém, para uma época tardia dentro da romanização (utilização pouco cuidada de diversos elementos — pedra de diferentes tipos, tijolo, telha —, sepultura sem fundo, orientação E-W), possivelmente posterior à cristianização das populações locais (século IV em diante). Deverá pertencer a uma necrópole ligada a uma qualquer exploração agrícola cujos contornos desconhecemos de momento.

O espólio recolhido durante a escavação encontra-se no Museu Regional de Beja.

No final da intervenção foi decidido mandar entulhar a sepultura, pois o seu diminuto interesse não justificava uma manutenção a descoberto.

SARCÓFAGOS DO MONTE DA ORTIGA DO MEIO — SANTIAGO DO CACÉM

Em 5 de Maio de 1987 a Câmara Municipal de Santiago do Cacém solicitou a comparência de um técnico do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul naquele concelho, devido ao aparecimento de vestígios arqueológicos que urgiria preservar. Com efeito, na deslocação efectuada ao local (Monte da Ortiga do Meio) verificou-se a necessidade de uma rápida intervenção para salvamento de

dois sarcófagos encontrados no decorrer da construção de uma pocilga na área daquela propriedade.

A mencionada construção encontrava-se, praticamente, concluída quando, sob uma das paredes laterais, surgiram os sarcófagos: um, no interior e outro «cortado» a meio pela parede referida. A proprietária do imóvel, D. Maria José Raimundo, prestou toda a possível colaboração, cedendo trabalhadores para o alargamento de uma abertura que permitisse a escavação e posterior remoção dos sarcófagos e mostrando-se desde o primeiro momento empenhada no salvamento e recuperação de tais vestígios, nomeadamente na sua colocação em local onde pudessem ser facilmente visitados (no caso em questão, Museu Municipal de Santiago do Cacém).

A intervenção de salvamento das sepulturas decorreu num único dia, tendo os trabalhos arqueológicos consistido, unicamente, na remoção dos vestígios osteológicos do interior dos sarcófagos, remoção essa acompanhada do preenchimento da respectiva ficha de sepultura, dado que não existia qualquer outro tipo de espólio. Os vestígios osteológicos apresentavam-se num estado de conservação extremamente precário.

Sepulcros deste tipo não estão, tanto quanto nos é dado saber, referenciados nesta parte do país; são eles constituídos por duas caixas sepulcrais, ambas com tampa, sendo o todo executado num material extremamente friável (arenito (?)) e não apresentando nenhum deles qualquer inscrição. Para o Museu Municipal de Santiago do Cacém foi removido um sarcófago completo (sepultura 1), e um outro (sepultura 2), já sem a tampa que primitivamente o recobria, que não foi passível de recuperação.

Antropologia Física:

Estado do material: O material esquelético exumado apresentava-se, em ambos os casos (sepulturas 1 e 2) muito fragmentado, com elevado número de esquirolas ósseas.

Inventário:

Sepultura 1: 2 fragmentos de frontal; 3 fragmentos de temporal; 24 fragmentos de crânio, não especificados; 1 fragmento do ramo direito da mandíbula; 1 mandíbula fragmentada; 1 fragmento de clavícula; fragmentos de omoplatas; fragmentos de úmero; fragmentos de rádio; fragmentos de cúbito; fragmentos de vértebras; 1 esterno; fragmentos de ilíacos; fragmentos de 3 fémures (epífises

distais), 3 tíbias fragmentadas; 1 calcâneo, 2 astrágalos.

Sepultura 2: 12 fragmentos de crânio; 5 fragmentos de mandíbula; 1 fragmento de clavícula esquerda; 1 clavícula direita fragmentada; 1 omoplata direita fragmentada; 5 fragmentos de omoplata esquerda; 20 fragmentos de vértebras; 3 fragmentos de úmero; fragmentos de rádio; fragmentos de cúbito; 30 pequenos fragmentos de costelas; 5 fragmentos de bacia; 1 fragmento de fémur; 3 fragmentos de tíbia; tíbia esquerda fragmentada; peróneos direito e esquerdo; 2 calcâneos; 2 astrágalos; 7 metatarsos.

O material esquelético, após o estudo, foi entregue ao Museu Municipal de Santiago do Cacém.

Conclusões:

Sepultura 1: Foi possível identificar nesta sepultura ossos pertencentes a dois indivíduos: um de idade avançada (mais de 60 anos) e um adulto jovem. Não foi possível estabelecer a diagnose dos sexos nem fazer a determinação mais aproximada das idades. Um dos indivíduos teria uma estatura aproximada de 1,69 m (+ ou - 5 cm) — calculada a partir do peróneo (Trotter e Glessler). Não foram detectados vestígios patogénicos.

O sarcófago tinha forma trapezoidal e dimensões de 1,98 m x 62 cm (larg. máx.) e 55 cm (larg. mín.). A sua orientação era aproximadamente E-W (cabeça a W). Muitos ossos da parte superior do corpo encontravam-se aos pés da caixa sepulcral, o que aponta para uma reutilização do sarcófago em época subsequente à da primeira inumação.

Sepultura 2: Nesta sepultura procedeu-se ao enterramento de um único indivíduo adulto. Não foi possível estabelecer a diagnose do sexo nem fazer uma determinação mais aproximada da idade. A estatura provável deste indivíduo (calculada a partir do peróneo — Trotter e Glessler) seria de 1,587 m (+ ou - 5 cm). Não se detectaram, também neste caso, quaisquer vestígios patogénicos.

Num inquérito sumário efectuado junto de alguns habitantes do lugar pôde apurar-se a inexistência de quaisquer referências a lugares habitados nas imediações (à excepção de alguns pequenos «montes» nas proximidades da linha de água que corre no sopé deste pequeno cerro), ou de algum lugar considerado como «espaço sagrado» (capela, por ex.). Apenas se recolheram informações muito imprecisas sobre achados de ossos humanos naquele local há bastantes anos. Tudo leva a crer, porém, que o sítio corresponderia, certamente, a uma necrópole. Não é, pois, de excluir a hipótese de mais achados semelhantes nas imediações, se se vier a efectuar uma prospecção sistemática, acompanhada, eventualmente, de sondagens ou de sistemas auxiliares de detecção de vestígios.

CASA JUNTO À IGREJA DE SANTA MARIA — BEJA

O Museu Regional de Beja e o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul foram alertados, em Março de 1988, para a realização de obras de reconstrução de um pequeno edifício particular junto à Igreja de Santa Maria (Rua da Casa Pia), nas quais, devido ao revolvimento do subsolo por meio de uma retroescavadora, estavam a ser destruídas muitas ossadas humanas, provenientes, sem dúvida, do antigo cemitério junto à igreja.

Tendo-se conseguido a suspensão temporária da obra, procedeu-se a uma escavação de emergência, que teve a duração de cerca de uma semana e permitiu a recuperação e interpretação de alguns elementos arqueológicos ainda conservados no local.

A máquina escavadora descera quase até à rocha na totalidade da área, com excepção de um pequeno triângulo situado a oeste. Os trabalhos efectuados foram, pois, muito limitados, condicionados ainda por imperativos de tempo. Assim, desceu-se até à rocha de base em toda a zona, procedeu-se à escavação da referida área triangular e desenharam-se os perfis obtidos, após o que os trabalhos de reconstrução do edifício foram retomados.

Vestígios detectados:

Como seria previsível neste local, os níveis superiores da escavação correspondiam ao cemitério em torno da Igreja de Santa Maria, uma das mais antigas da cidade de Beja. Poucos foram, porém, os esqueletos intactos aí recolhidos, devido ao revolvimento provocado pela máquina. As ossadas contidas nos entulhos da obra mostravam, porém, claramente que o cemitério se estenderia por toda a zona, numa intensa ocupação, ainda parcialmente detectável através dos vestígios conservados nos perfis.

Apesar das condicionantes referidas, conseguiu porém ainda registrar-se uma sucessão de enterramentos, tendo sido individualizadas 13 inumações, efectuadas, segundo toda a probabilidade, em vala de terra simples, pois não eram visíveis restos de qualquer estrutura tumular. As inumações haviam-se processado todas no sentido E-W (cabeça a oeste), não sendo acompanhadas de qualquer espólio.

Sob este cemitério medieval foram encontradas outras estruturas: três muros e uma canalização em tijoleira (esta última junto ao perfil Norte), os três primeiros claramente de época romana. Um dos muros — M2 (que se prolongava por sob o perfil oeste) apresentava vestígios de pintura parietal a fresco.

Espólio recolhido:

O espólio recolhido, que deu entrada no Museu Regional de Beja e cujo estudo exaustivo ainda não foi efectuado, era composto por cerca de 800 fragmentos cerâmicos diversos, na sua maioria de épocas recentes (séculos XVII, XVIII, XIX), de que destacamos vários fragmentos de faianças do século XVII. De época islâmica recolheram-se alguns fragmentos cerâmicos pintados, estampilhados e de *corda seca* (percentualmente, porém, em número muito reduzido). A cerâmica romana estava presente nos níveis inferiores, igualmente em reduzido número: recolheram-se, para além de diversos fragmentos de cerâmica comum, fragmentos de ânforas (cerca de 30) e 6 fragmentos de *terra sigillata*. Outros elementos recolhidos pertencendo a esta mesma época foram os já mencionados fragmentos de pintura a fresco, bem como fragmentos de mármore de revestimento. Nenhum destes elementos se encontrava, porém, *in situ* (embora os fragmentos de fresco se concentrassem, como dissemos, junto ao muro que continua por sob o perfil oeste), facto de modo nenhum surpreendente, dados os sucessivos revolvimentos da zona, motivados por uma contínua ocupação da área, desde a época romana até à actualidade.

Conclusões:

Não são muitas as conclusões a extrair de uma acção pontual e tão circunscrita como esta: a localização do cemitério medieval não constitui motivo de surpresa, tendo um estudo de ossadas de alguns enterramentos próximos sido já, inclusivamente, publicado no *Arquivo de Beja*³. Por outro lado, a existência de estruturas romanas em local tão próximo da zona que sabemos corresponder ao *forum* de *Pax Julia* e na continuação do Largo dos Duques de Beja, onde existem referências a achados de estruturas e mosaicos romanos⁴, seria, também, uma «quase-certeza», agora apenas confirmada.

Qual, então, o significado e importância de uma intervenção deste tipo?

Em primeiro lugar, ela dá-nos a possibilidade de recuperação de um espólio que, com o trabalho das máquinas e subsequente construção no local, se teria irremediavelmente perdido.

Por outro lado, continuamos a acreditar que, se houver a possibilidade de cartografar sistematicamente os achados que vão ocorrendo ocasionalmente na

³ ATHAYDE, Alfredo, *Ossadas romanas e visigóticas*, «Arquivo de Beja», V, 1 e 2, Beja, 1948, p. 63.

⁴ VIANA, Abel, *Mosteiro da Conceição e Palácio dos Infantes*, «Arquivo de Beja», II, 1 e 2, Beja, 1945, p. 175.

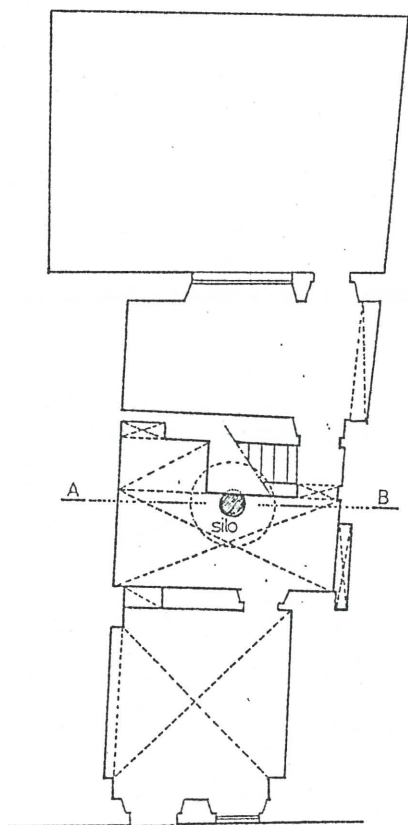
zona do Centro Histórico de uma cidade, eles irão constituindo outros tantos passos que se avançam no conhecimento e leitura da evolução urbana, desde as suas primeiras ocupações até à época actual.

Consciencializar os habitantes para este facto e criar hábitos de trabalho e uma estrutura operacional que permitam intervenções eficazes e o rápido desbloqueamento das situações são passos importantes e essenciais desta «luta» que se trava pelo conhecimento das nossas origens e formas de evolução. Com efeito, só no caso de achados excepcionais em subsolo urbano se considera serem de rever, alterar ou suspender obras programadas ou previstas: na maioria dos casos, uma intervenção pontual executada a tempo permite, conciliando os interesses em jogo, o recuperar de informação valiosa sem obstaculizar um progresso que, devidamente enquadrado, pelo contrário, se defende e preconiza.

Beja, Dezembro 1988

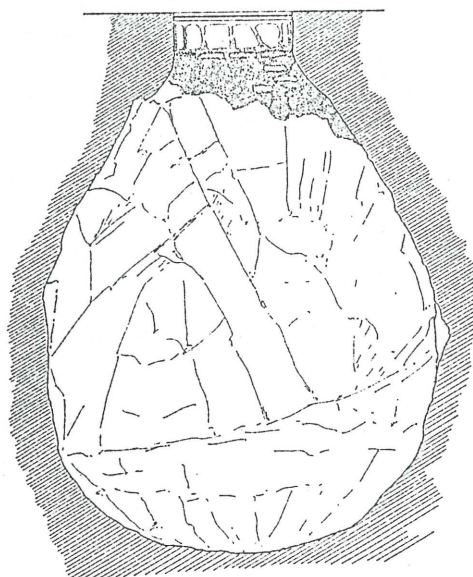


Localização do nº 34 da R. das Portas de Moura



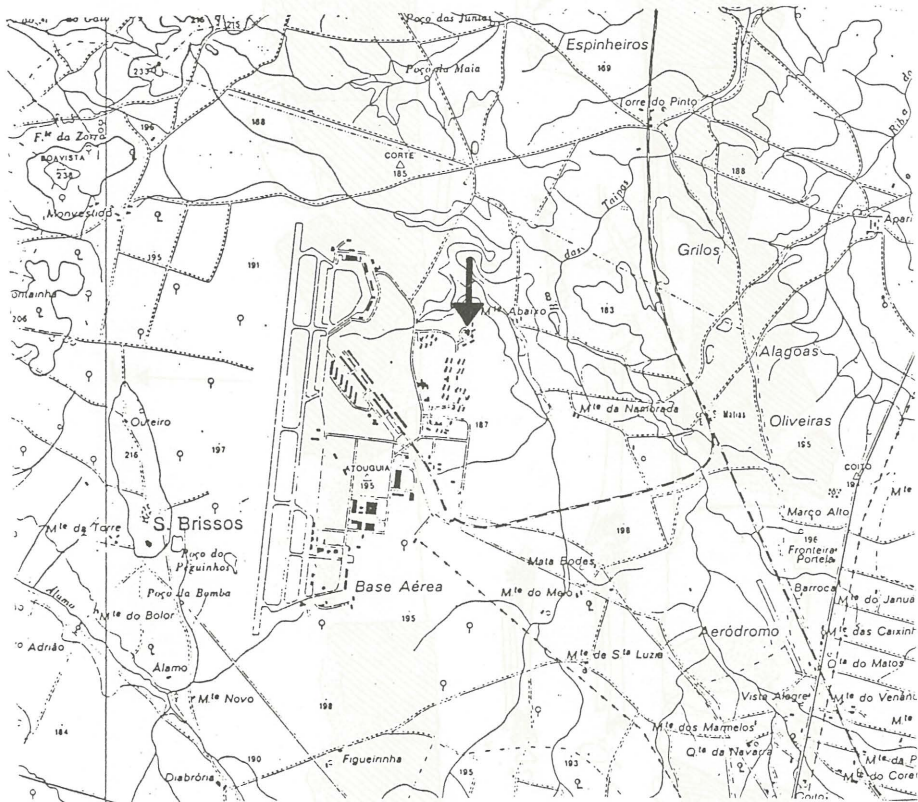
RUA DAS PORTAS DE MOURA, 34

1 — Localização do silo

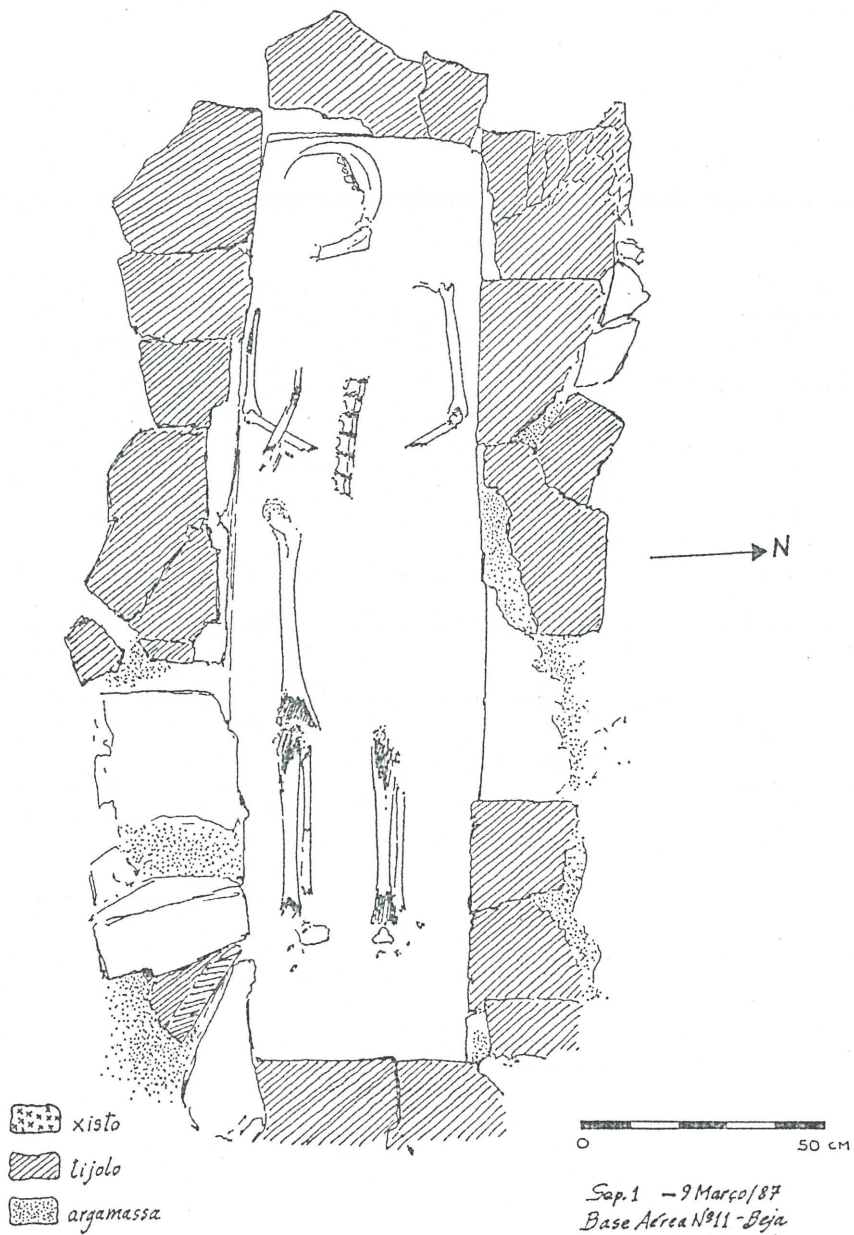


2 — Silo - corte

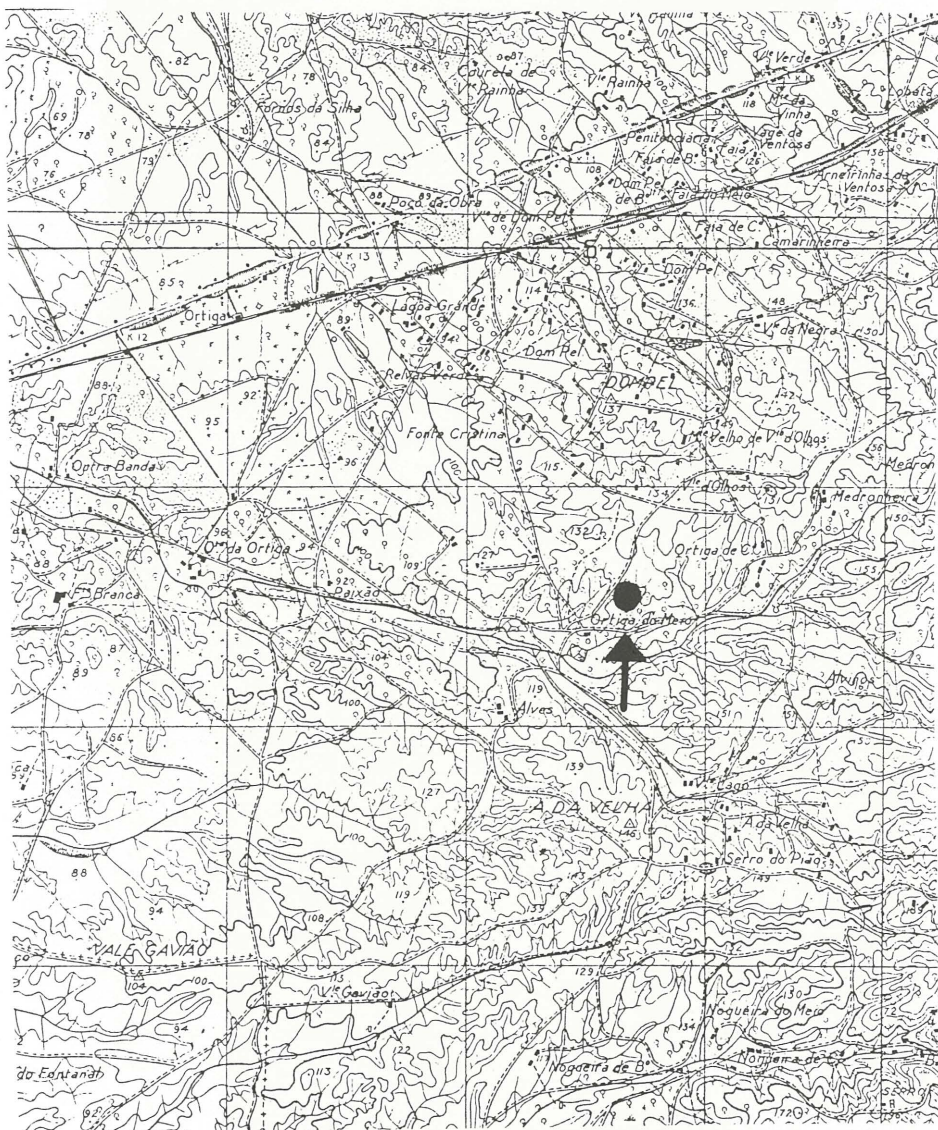
SILo - CORTE AB
BEJA - RUA DAS PORTAS DE MOURA, 34
DES. L. Barreira 9-6-87



Localização da sepultura da B.A. 11 (C.M.P, folha 43-A, esc. 1/50.000, reduzida).



Planta da sepultura da Base Aérea nº 11.



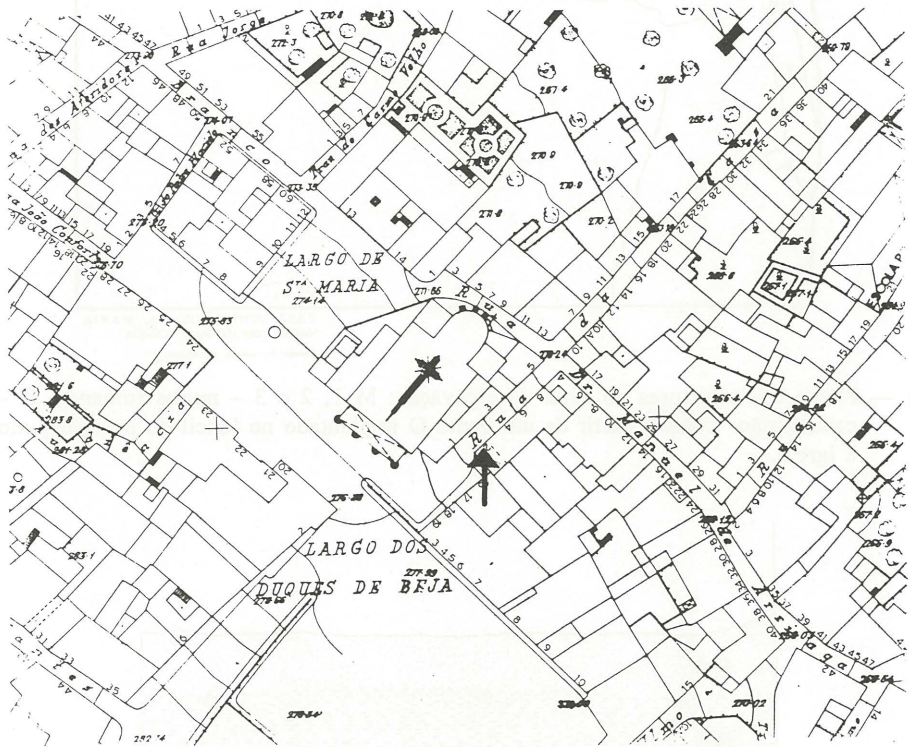
Localização dos sarcófagos do Monte da Ortiga do Meio
(C.M.P., folha 516, esc. 1/25.000, reduzida)



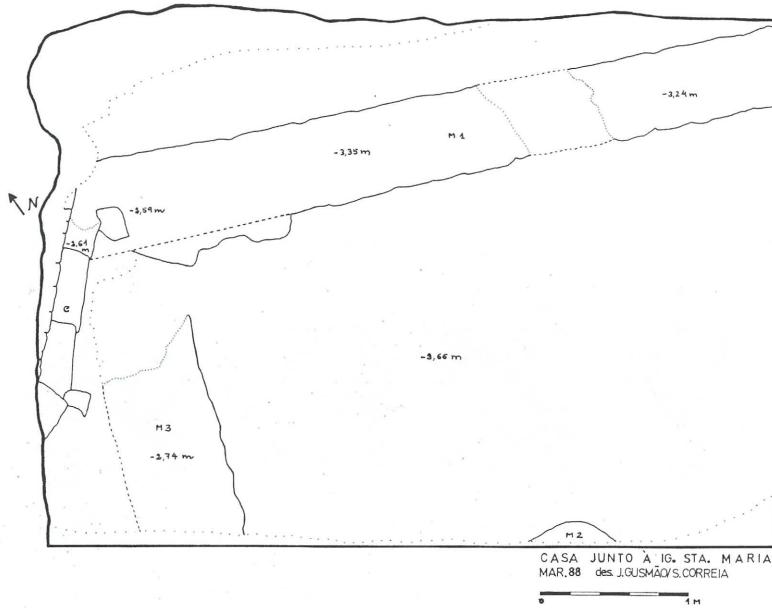
1 — Ortiga do Meio — sepultura 1.



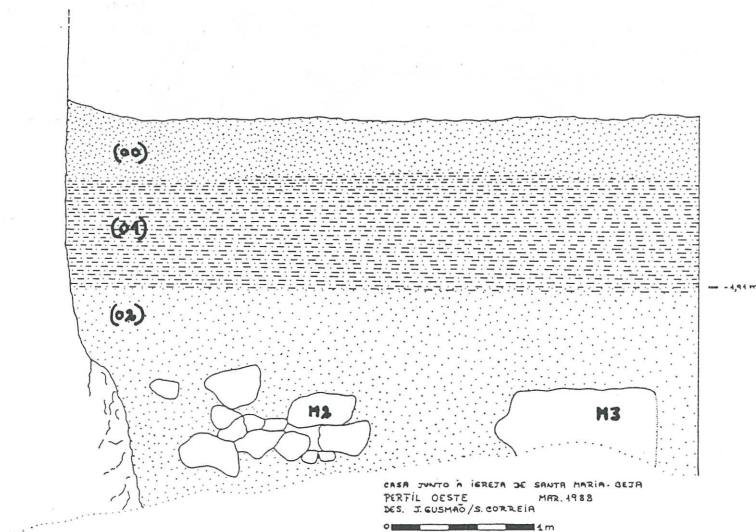
2 — Ortiga do Meio — sepultura 2.



Casa junto à Igreja de Santa Maria – localização.



1 — Planta das estruturas no final da escavação: M 1, 2 e 3 — muros romanos. C — canalização. Cotas a partir de um ponto O implantado no lancil do passeio junto à igreja.



2 — Perfil oeste (costas a partir de um ponto O implantado no lancil do passeio junto à igreja): (00) — nível de revolvimento recente; (01) — cemitério medieval; (02) — nível romano. M2 e M3 — muros de época romana.



3 — Igreja de Santa Maria. Ao fundo, à direita, zona da escavação.



4 — Muros 1 e 3 e Canalização.



5 — Enterramentos medievais: pormenor da escavação.